



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANDRÉA MACEDO MACHADO LAROCCA DE OLIVEIRA

**BRASIL, JAPÃO: CENTENÁRIO DE
INTERAÇÃO CULTURAL E SEXUAL.**

RIO CLARO
Outubro/2010

Andréa Macedo Machado Larocca de Oliveira

Brasil, Japão: Centenário de Interação Cultural e Sexual

Orientador: Profa. Dra. CÉLIA REGINA ROSSI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio
Claro, para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Rio Claro
2010

325.1 Oliveira, Andréa
O48b Brasil, Japão: centenário de interação cultural e sexual /
 Oliveira, Andréa. - Rio Claro : [s.n.], 2010
 58 f. : il., figs., gráfs., tabs., mapas + 1 documento

 Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
 - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
 Rio Claro
 Orientador: Célia Regina Rossi

 1. Migração. 2. Construção identitária do nipo-brasileiro.
 3. Dekassegui. 4. Transeunte. 5. Orientalismo. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

DEDICATÓRIA

*Aos amores de minha vida.
Minha filha, fonte de minha inspiração.
Minha Mãe, exemplo a ser seguido.
Meu irmão, parceiro para toda empreitada.
Minha orientadora, por “dar e tirar o chão”,
conforme a situação o exigisse.*

AGRADECIMENTOS

À minha filha que é minha fonte de inspiração, minha motivação a prosseguir.

À minha mãe que sempre me apoiou e teve fé que as barreiras seriam superadas.

Ao meu versátil irmão, que já fez às vezes de pai (meu e da Alana).

A minha cunhada Karina e a recém-nascida Hellen, símbolo de renovação e esperança.

À minha família, por me propiciar uma esfera de amor, por ser referência. Especialmente Titia Ana Maria, exemplo em humanidade e amor, exemplo de pedagoga.

A minha família adotiva, Sônia minha vizinha pela paciência e acolhida, Juliana Boza irmãzinha do coração. As agregadas Giane, Flávia, agradeço o companheirismo e apoio.

Aos colegas e alunos da escola Apoio Mie, a professora Catarina em especial.

Aos meus amigos, professores e funcionários da UNESP de Rio Claro. Em especial minha orientadora Célia por me dar um norte.

A todos que direta ou indiretamente cooperaram para realização deste sonho.

A vida, que me presenteou com abundância e intensidade.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Michel Foucault (1985, p. 100)

SUMÁRIO

Página

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. SER TRANSEUNTE NA PÓS-MODERNIDADE.....	10
2.1. O que é identidade?.....	11
2.2. História sexualidade no oriente.....	12
3. “ESSE (DES)CONHECIDO: JAPÃO”.....	15
3.1. Orientalismo: O nipo-brasileiro estereotipado.....	17
3.2. Um olhar sobre o mangá.....	18
3.3. Festa da fertilidade.....	22
3.4. A arte de ser gueixa.....	24
4. DEKASSEGUI: A ROTA CONTRÁRIA.....	26
4.1. Sistema educacional japonês.....	28
4.2. Programas de inserção para imigrantes.....	38
4.3. Brasilidade: À volta para casa.....	42
5. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	45
5.1. Abordagem metodológica.....	46
5.2. Espaço da pesquisa.....	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
7. REFERÊNCIAS.....	53
8. ANEXO.....	56

1. Introdução

Esse projeto de pesquisa se deve aos meus vínculos com o Japão, não somente os vínculos biológicos, pois além de ser nipo-brasileira, também residi no supracitado país, nessa vivência, com uma cultura tão rica e adversa da cultura brasileira. Muitas foram as inquietações e os anseios por mais conhecimento e aprofundamento que busquei, mais especificamente no que cerne a questão educativa. Lecionei durante um ano no Japão, mais precisamente na cidade de Tsu, e embora a escola fosse brasileira, muitos de seus alunos só a frequentavam para aprenderem a língua materna, ou seja, o português, entretanto muitos alunos frequentavam concomitantemente a escola japonesa.

Para melhor desenvolvimento do trabalho de alfabetização desses alunos, fazia-se necessário maior conhecimento do sistema educativo japonês, incluindo aí a cultura escolar. Ao me envolver com a cultura escola japonesa, acabei por olhar também a educação sexual dentro da instituição escolar daquele país, sendo este, o fator derradeiro que suscitou tal pesquisa, entender esse processo educativo japonês, permeado, é claro, em sua cultura e de que maneira ele afeta aos nipo-brasileiros, inclusive no que tange a sua construção identitária.

Conforme o autor Stuart Hall (1999) uma identidade cultural diz respeito a aspectos relacionados a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais, e sua sexualidade.

A escola onde trabalhei, e que acabou por se tornar laboratório de minha pesquisa, chama-se Apoio Mie, é uma escola brasileira que atua pelo sistema Objetivo de ensino, fica na província de Mie-Ken, na cidade de Tsu-Shi. Maiores detalhes com relação às características geográficas e históricas da província estarão

disponíveis na quarta parte deste trabalho.

A turma para qual eu lecionava, era uma turma de quarta série do ensino fundamental I, no período da manhã, e para turma mista, isto é, várias faixas etárias na mesma sala de aula, era oferecido o reforço escolar, durante a tarde, abrangendo, portanto, a faixa etária variava entre três e dezesseis anos. Durante o ano letivo dentre as principais indagações suscitadas pelos educandos, a maioria vinham de questionamentos relacionados a sexualidade, o que na época me causou espanto, pois nós enquanto docentes, a todo instante nos remetemos a “nossa época” de estudantes, para termos certos parâmetros, e considerando que questões relativas à sexualidade, eram reduzidas ao ato sexual e as questões meramente biológicas, e só eram abordadas no antigo ginásio, nas aulas de biologia. Sendo que, a sexualidade é muito mais ampla e complexa, é um tema transversal, ou seja, **todos** (grifo meu) a vivenciam, ela permeia todas as disciplinas, e, no entanto, é posta de lado, ou outorgada aos biólogos, que por sua vez acabam contemplando tão somente o aspecto biológico.

O autor Edgar Gregersen aponta:

“Numa distância ainda maior da biologia, ele gerou temas que passam através da religião e da arte, e assim participa de sistemas simbólicos excessivamente complexos.” De uma forma de adaptação biológica, em todas as culturas humanas, o sexo evoluiu para se tornar um referencial de códigos sociais e até mesmo morais. (1983, p.3).

A sexualidade permeia nossa vida desde a infância, abrangendo muito mais que o ato sexual propriamente dito. Sendo, portanto, referencial cultural, social participando da construção de identidade dos mais variados grupos étnicos, nessa interação social-biológico, a sexualidade faz parte do “DNA” social, daí a importância

de se aprofundar no entendimento da sexualidade humana e seus complexos códigos e símbolos, responsáveis pela construção do ser social.

No que tange a sexualidade no oriente, verificamos certas diferenças, e até certos antagonismos com relação ao ocidente. Em diversos países do Oriente, incluindo-se aí Índia, China e Japão. A busca do prazer pelo prazer, se dá como prática e símbolo de experiência, sem qualquer referência ao seu caráter lícito ou de utilidade (FOUCAULT, 1985, p. 56). Contrariamente ao Ocidente, que prioriza no ato sexual a procriação, seguindo mecanismos de controle criados pela Igreja.

Para melhor esclarecer a sexualidade no oriente, será descrito, na segunda parte do texto, um breve retrospecto da história da sexualidade no Oriente, mais especificamente no Japão, objeto desta pesquisa, por se tratar de um assunto vasto, mas pouco pesquisado no Brasil. Será abordado ainda o processo brusco de mudança que o Japão sofreu, para adequação ao mundo ocidental, no processo de industrialização.

Outro ponto pertinente, diz respeito às rotulações, que os chamados “gaijin” (estrangeiro, mas usado com uma conotação pejorativa) sofriam, em especial crianças e jovens em idade escolar. Se existe o bullying entre os compatriotas, quiçá com os estrangeiros, tal acontecimento se acentua deveras. Se no Brasil os nipo-brasileiros são “japas”, e a isso vem atrelado uma série de outras características, no Japão acontece exatamente o contrário, e recebem então características não só diferentes, mas também divergentes das recebidas em sua terra natal. Disso decorre o que podemos chamar de “crise identitária”, que será tratada na terceira parte, bem como a subjetividade e outras interfaces, da construção da identidade nipo-brasileira. Bem como serão contemplados os aspectos

gerais, peculiaridades e curiosidades da vida do dekassegui¹.

Na quarta parte será abordada, a inversão na rota imigratória, muitos japoneses vieram ao Brasil, para escapar da guerra, e tentar uma vida com melhores condições. O que se verifica nos dias atuais, é o contrário, sendo cada vez maior o número de trabalhadores brasileiros no Japão, numa incrível adaptabilidade, considerando as bruscas diferenças entre as culturas, brasileira e japonesa.

A sucessão de novos acontecimentos e conhecimentos, idioma, costumes locais, alimentação, festividades, clima, enfim, e esse “outro” tão diferente de “mim” e paradoxalmente tão parecido. É em meio a essa fusão de hábitos, costumes e moralidades que se delineia a vida dekassegui. É um quadro um tanto quanto conturbado. Principalmente na vida de crianças e jovens, considerando sua passagem por um momento típico de descobertas, conflitos e inquietudes, construções identitárias, mais acentuadas nessa fase. Na quinta parte será contemplado o caminho metodológico utilizado.

¹ Dekassegui: É uma expressão japonesa destinada a corrente migratória de brasileiros ao Japão.

2. Ser transeunte na pós-modernidade

É importante que façamos algumas considerações acerca da pós-modernidade, embora não haja consenso com relação ao seu significado, em linhas gerais, seria a ideologia, cultural e estética que prevalece no capitalismo, que se colocou em lugar das ideologias modernistas até o final do séc. XX.

Lyotard (1987) afirma que a pós-modernidade é caracterizada pelo fim das metanarrativas, a “ciência” já não é fonte da verdade, a toda poderosa, e inquestionável, ou seja, nada mais é “garantido”. A modernidade é questionada em seus principais pilares, Verdade, Razão e Progresso, a “pós-modernidade viria então para “abrir os horizontes”, se opondo a modernidade fechada e categorizante, propondo a multiplicidade e a fragmentação, a desreferencialização, múltiplas desconstruções. Bauman (2001), sociólogo polonês, importante autor que propagou a pós-modernidade, prefere não utilizar o termo, pós-modernidade, e sim “modernidade líquida”, a objetividade “cai por terra”, a realidade é dúbia, ambígua, e pode ter muitas formas.

Justo (2001) afirma que são características da população brasileira, a mestiçagem, migração, imigração, errância, sensualidade e prazer. Considerando as explanações acerca das desconstruções ocasionadas na pós-modernidade, tal afirmação é muito pertinente. Nesse sentido o trecho a seguir de Justo, só vem a enriquecer tal afirmação:

A busca por qualificação profissional através de cursos superiores, no caso da classe média, e a busca de melhores oportunidades de trabalho, no caso dos jovens pobres, torna a adolescência brasileira bastante propensa a errância e a desterritorialização. Tal errância e

desterritorialização implica em disposição para promover e vivenciar situações de desencaixes e re-encaixes (...) (2001, p.83,84)

Conforme Augé (1994), a migração e a condição de transeunte, próprios da pós-modernidade, é bem assimilada pelo brasileiro, que se desloca para lugares longínquos dentro e fora do país, a exemplo do que fizeram seus antepassados. Essa maleabilidade se reflete também em suas vinculações sócio-afetivas, além das geográficas.

Em concordância com o que afirma Bauman (1998), tudo se torna líquido, fluido, principalmente as relações subjetivas, nos revela que vivemos num chamado “tempo real” onde as distâncias se encurtam, tornando tudo imediatamente presente. Não é preciso aguardar, retardar a realização de um desejo, um gesto. Tais acontecimentos explicam os movimentos migratórios vivenciados por nossos ancestrais (nipônicos) e por nossa geração que fez a inversão da rota, e que será mais detalhada na quarta parte do texto.

2.1. O que é identidade?

Afinal, quando falamos em identidade a que nos referimos? O que vem a ser construção identitária? O autor Stuart Hall (1999) nos fala em identidade cultural, que diz respeito a nossa pertença a culturas, étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas, nacionais. Em verdade, dependemos do “outro(s)”, para sabermos quem somos para nos constituirmos enquanto sujeito, na medida em que somos afiliados e/ou excluídos de um grupo ou cultura. Hall (1999) foca principalmente as identidades culturais no que cerne às culturas nacionais, para ele, a nação vai muito além de ser

uma entidade política (o Estado), é um **sistema de representação cultural** (grifo do autor). Na qual as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos **identificar** (grifo do autor) e construindo, suas identidades. O autor fala das memórias, imagens, estórias, que servem de referência para constituição da identidade.

Conforme Hall (1999), devido as transformações ocorridas nas sociedades modernas, pós-modernas, com o advento da globalização, ocorre hoje uma “crise de identidade”. A modernidade fragmenta a identidade, pois a partir do momento em que as estruturas e os processos centrais mudam, ocorre uma desestabilidade nos referenciais. Ou seja, culturas de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não têm mais um parâmetro sólido no qual se basear. Verificamos o mesmo com Stearns, junto com a industrialização, muito mais acabou sendo globalizado, culturas, economias, doenças,

(...) o século XIX testemunhou, a um só tempo, tanto esforços no sentido de reformar várias práticas tradicionais – na tentativa de ajustar as sociedades de acordo com a moralidade européia oficial – como também uma abertura cada vez maior a promiscuidade, evidenciada pela clara expansão da prostituição, um provável aumento da violência sexual contra mulheres, e níveis definitivamente inéditos de doenças venéreas (sífilis e gonorréia), afetando praticamente todas as partes do mundo. (2010, p.186).

2.2. Retrospectiva histórica da sexualidade no oriente

Referenciais abordam a sexualidade no oriente, mas para melhor entendimento,

é importante fazer algumas considerações acerca do brusco processo de mudança pela qual o Japão passou para se adequar ao mundo ocidental, no processo de industrialização.

Segundo Rian Eisler (1996), os ritos sexuais eram tidos como sagrados, e a exaltação do **prazer** (grifo meu) era de suma importância, nos períodos paleolítico e neolítico, essa valorização do prazer, foi acolhida, por vários povos no oriente, essa sexualidade primitiva, o Japão está incluso, o ato sexual pelo prazer, sem a preocupação pragmática, reprodutiva ocidental.

Eisler aponta que:

[...] nossos ancestrais exaltavam o sexo não apenas em relação ao nascimento e procriação, mas como a fonte misteriosa – e, neste sentido, mágica – tanto do prazer quanto da vida. [...] Os mitos e ritos eróticos pré-históricos não eram apenas expressões de alegria e gratidão pela dádiva da vida [...] mas também expressões de alegria e gratidão pelas dádivas do amor e do prazer – particularmente pelo mais intenso dos prazeres físicos, o prazer do sexo. (1996, p. 81).

O ato sexual se dá, pela busca do prazer. O contrário da prática desenvolvida no ocidente. Segundo Foucault (1985), no ocidente a cultura sexual, se dá de maneira a controlar os comportamentos, a impor critérios, e separar o lícito do ilícito, e que deve estar de acordo com a ciência, com os critérios médicos. Essa “institucionalização” dos conceitos, no que tange a cultura sexual, desencadeou em relações de dominação e violência.

Stearns (2010) relata que: “Oficialmente os padrões católicos visavam definir a atividade sexual com ênfase, é claro, no sexo conjugal e um forte destaque dado à reprodução”.

Ninguém ficou imune as influências e opiniões ocidentais, nem mesmo grandes impérios “independentes” como o otomano. As críticas eram tecidas aos chineses afeminados, a amarração dos pés das chinesas, e as práticas dos hárens eram retratadas de forma maximizadas. O Japão especificamente, inversamente ao que ocorria fora do ocidente, começou sua revolução industrial ainda no final do século XIX, sofrendo ruptura em seus padrões culturais, e também sexuais. Com a urbanização, veio o aumento da prostituição, na terceira parte, no subtítulo “gueixas e prostituição”, tal aspecto será retratado com mais minúcias.

Conforme Stearns (2010): “O Japão, em particular, novato nos contatos com tendências globais, passou por drásticos ajustes para, pelo menos oficialmente, ficar à altura dos padrões de respeitabilidade.” Embora o Japão continuasse independente, principalmente na Era Meiji (1868), devido às interações com o ocidente, as pressões e opiniões passaram a ter grande peso. Grande alvo de críticas eram as casas de gueixas, que também será abordada na terceira parte. Dentre os mal dados comentários que o ocidente “destilava”, estavam à tolerância do Japão com relação à homossexualidade, e ao baixo vigor da masculinidade japonesa, o que era ofensivo, considerando que o país tinha predominava, e ainda predomina, a ênfase masculina.

3. “Esse (des) conhecido Japão”

O estranhamento do “outro” é característico dos seres humanos, principalmente quando este outro se encontra do outro lado do mundo. Como já abordado, são muitos os mitos e exageros que cerceiam o imaginário, de ambas as partes, mas as diferenças também são inegáveis, senão diferenças, certas peculiaridades merecem ser destacadas.



(imagem disponível em Wikipédia: enciclopédia digital)

As seguintes informações, são uma síntese, e estão disponíveis no site oficial da Associação Brasil Japão de pesquisadores², com nova denominação (SBPN), Sociedade Brasileira de Pesquisadores Nikkeis:

- O Japão, é um país da Ásia Oriental. Localizado no Oceano Pacífico. Os caracteres que compõem seu nome significam "*origem do Sol*", razão pela qual o Japão é às vezes identificado como a "*Terra do Sol Nascente*". O país é um arquipélago composto de 6.852 ilhas. O Japão possui a nona maior população do mundo, com cerca de 128 milhões de habitantes. Cujas capital é Tóquio com mais de 30 milhões de habitantes. Pesquisas arqueológicas indicam que pessoas já viviam nas ilhas japonesas no período Paleolítico Superior. A influência do resto do mundo seguida por longos períodos de isolamento tem caracterizado sua história. Desde a sua constituição em 1947, o Japão se manteve como uma monarquia constitucional unitária com um imperador e um parlamento eleito. Possui a segunda maior economia do mundo. É o único país asiático membro do G8. O país mantém uma força de segurança moderna e ampla, utilizada para auto-defesa e para funções de manutenção da paz. O Japão possui um alto padrão de vida e maior expectativa de vida do mundo.

Algo característico na atualidade é o fascínio dos nihonjins³ pelos mangás⁴, que existem há séculos, no entanto após o contato com o ocidente ganhou novas características, principalmente com relação aos quadrinhos para adultos, nos quais as personagens são exatamente paradoxais as mulheres nipônicas, a primeira característica que se nota nas personagens são os enormes olhos, depois, curvas bem marcadas e enormes seios, claramente influência ocidental. Apesar dessas características meramente voltadas ao entretenimento masculino, foi através do

² Site oficial da Associação Brasil Japão de pesquisadores - www.portaljapao.org.br

³ Nihonjin: Gentílico de japonês, em japonês.

⁴ Mangá: Estória em quadrinhos japonesa.

mangá que certos ideais feministas começaram a aparecer, nos redisu ou redicome (quadrinhos para moças), como veremos posteriormente.

Outra curiosidade marcante, diz respeito às festividades, mais especificamente o festival da fertilidade. Não poderia deixar de mencionar as gueixas, principalmente devido à equivocada associação que fazem entre as mesmas e a prostituição.

3.1. Orientalismo: O nipo-brasileiro estereotipado

Com relação á formação de identidade, explicada no capítulo anterior, é preciso fazer considerações acerca dos estereótipos que cerceiam os nipo-brasileiros. Quem não conhece um “japa”? Basta ter alguma característica fenotípica, que remeta aos nipônicos para receber tal título. Minha avó paterna era meu único vínculo biológico com os “nihonjins”, no entanto, desde a pré-escola eu era “a japonesinha”. Atrelado a isso vinham outras várias caracterizações, que me excluíam da condição de ser brasileira, parecia ser obrigatório ter disciplina, inteligência, frieza, obrigação de passar nos melhores vestibulares e sempre ter um desempenho exemplar nas instituições de ensino, ter as melhores notas, sem direito a diversão ou vida pessoal.

Segundo Said (1990) a idéia de **orientalismo** (grifo meu), olhar ocidental sobre oriente, produz imagens estereotipadas, sem conteúdo, superficiais. Essa era imperialista, na qual quase todas as regiões passaram a interagir, suscitou nos ocidentais, **idéias** (grifo meu), muitas vezes exacerbada ou distorcida, de tudo que não era ocidental, Stearns nos relata que:

O sintoma mais óbvio é que **os juízos** (grifo meu) europeus sobre outras sociedades, às vezes reforçados, pelo menos em parte, pelas regras e interpretações imperiais afetaram os comportamentos e autopercepções locais. (2010, p.181)

Compartilha dessa opinião outro autor, que faz uso do termo exotização, para Machado (2003) a construção do “outro” é cristalizada, solidificada, essencializada. Com o dekassegui, tal processo ocorre em dobro. Se aqui somos “japas”, estando no Japão logo percebemos o “quão brasileiro” somos, aos olhos dos japoneses. No citado país, somos brasileiros, preguiçosos, sensuais, malandros, pessoas que não se submetem as regras e que, portanto, são indignas de confiança. Que não servem para um bom convívio social, marginais.

Caso apresentem características que lhe remeta a origem latina, “paira-se no ar uma brisa de desconfiança”, ocorre o oposto caso apresente características que lhe remeta aos países de primeiro mundo, caso fale inglês, por exemplo, o tratamento é diferenciado, há uma certa reverência. Tais situações, de desterritorialização, acabam gerando um sentimento de patriotismo, o dekassegui passa então a desejar e idealizar a volta ao Brasil. Ora, mas voltando, ele é novamente visto como “japonês”. Eis que se perguntam: Somos brasileiros? Japoneses? “Nenhuma das anteriores”? Todas elas? Em que momento podemos ser nós mesmos, seres singulares?

3.2. Um olhar sobre o mangá

A opção por desenvolver “um olhar” sobre mangá na pesquisa deveu-se ao fato de que o mesmo diz muito a respeito da identidade cultural (explicada no capítulo anterior) no Japão, principalmente no que diz respeito a identidade feminina. A tradução literal de mangá, quer dizer desenho involuntário, no Japão, tal prática data

de vários séculos, conforme pontuam Leoni e Brandão:

Um monge budista do século XII, esculpindo blocos de madeira fez uma sátira da vida de alguns sacerdotes e nobres do Japão. No entanto a famosa arte de desenhar em histórias com balões só foi existir no final do século XIX, com a influência dos quadrinhos ocidentais. (2006, p.2).

Embora tenha havido essa fusão de técnicas, são muitas as diferenças entre os quadrinhos orientais e ocidentais, Leoni e Brandão, elencam tais diferenças:

Pra começar, os japoneses preferem fazer de pessoas comuns grandes heróis. Depois vem a duração dos quadrinhos, que no oriente dão mais vazão aos traços e desenhos, diminuindo os textos de cada página. E para terminar a diferença, a autoria dos *mangas*, é em grande parte de mulheres. Isso acarreta as histórias do *manga* uma visão feminina da realidade, mas que na maioria das vezes se adapta ao gosto do público masculino também. (2006, p.2)

O mangá caiu no gosto japonês, e houve então um refinamento em tal arte, um expoente dela é Osamu Tezuka, que passou a dar ênfase ao caráter psicológico das personagens, e uniu a arte do mangá, a produções cinematográficas, é o que nos aponta Leoni e Brandão (2006). O aprimoramento levou a divisão de gênero e público, que são: *shonen* (garotos), *shojo* (garotas), *seinen* (rapazes), *redisu* ou *redicome* (moças), *seijin* (adultos, principalmente *mangás* eróticos para homens).

No mangá *Sailor Moon*, retratam problemas femininos, conforme aponta Leoni e Brandão:

(...) *Sailor Moon* passa a ser muito mais do que apenas um quadrinho para servir também como uma representação simbólica da mulher na sociedade. Os problemas femininos, os romances sobre a perspectiva da mulher e, sobretudo os valores sociais discutidos de altruísmo e ordem social necessária para se criar uma sociedade paradisíaca e perfeita. (...) A mulher caracterizada com todos os seus antagonismos sendo um dos alicerces necessários à sociedade é a primeira pincelada da tematização amplamente explorada por *Naoko* nesse *manga*. Fechando com as afirmações de determinados conceitos sociais. Um texto sempre reflete uma postura social, valores são afirmados e outros negados dentro do discurso. Em *Sailor Moon*, busca-se um mundo ideal, perfeito onde se afirma a vida e se nega a morte e a condição para alcançar a competência de viver em tal mundo é o altruísmo (...).(2006, p.10).

A autora Silva (2007), através da análise do mangá *Rosa de Versalhes* de Riyoko Ykeda, trata da importância do mangá, enquanto instrumento histórico e didático, propiciando, pertinentes discussões, tais como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, demandas feministas e outras questões sociais. Conforme segue:

Considero que a *Rosa de Versalhes* é uma obra que incorpora consciente ou inconscientemente as discussões feministas que estavam ocorrendo nos anos 60 e 70, além de antecipar discussões que são muito caras às teóricas feministas atuais, como a naturalização do corpo ou o binarismo sexo-gênero. Partindo da experimentação e da ousadia, a *Rosa de Versalhes* abriu caminho para toda uma série de mangás que desconstruíram as relações de gênero e discutiram o desejo e os lugares sociais femininos e masculinos na sociedade japonesa, em outras épocas históricas, ou mesmo em outros planetas e universos. (...) Nesse sentido, mesmo que Ikeda pareça tímida em abordar algumas questões, como a

homossexualidade feminina, ela é exemplar em outras e oferece para suas leitoras de uma só vez o sonho de um relacionamento equitativo entre homens e mulheres, e o incentivo para que as meninas tomassem as rédeas de seu destino, como a personagem fez ao lutar por sua carreira militar, e ao decidir-se contra sua classe e seus deveres por André e, também, pela Revolução Francesa. (2007, p.20,21)

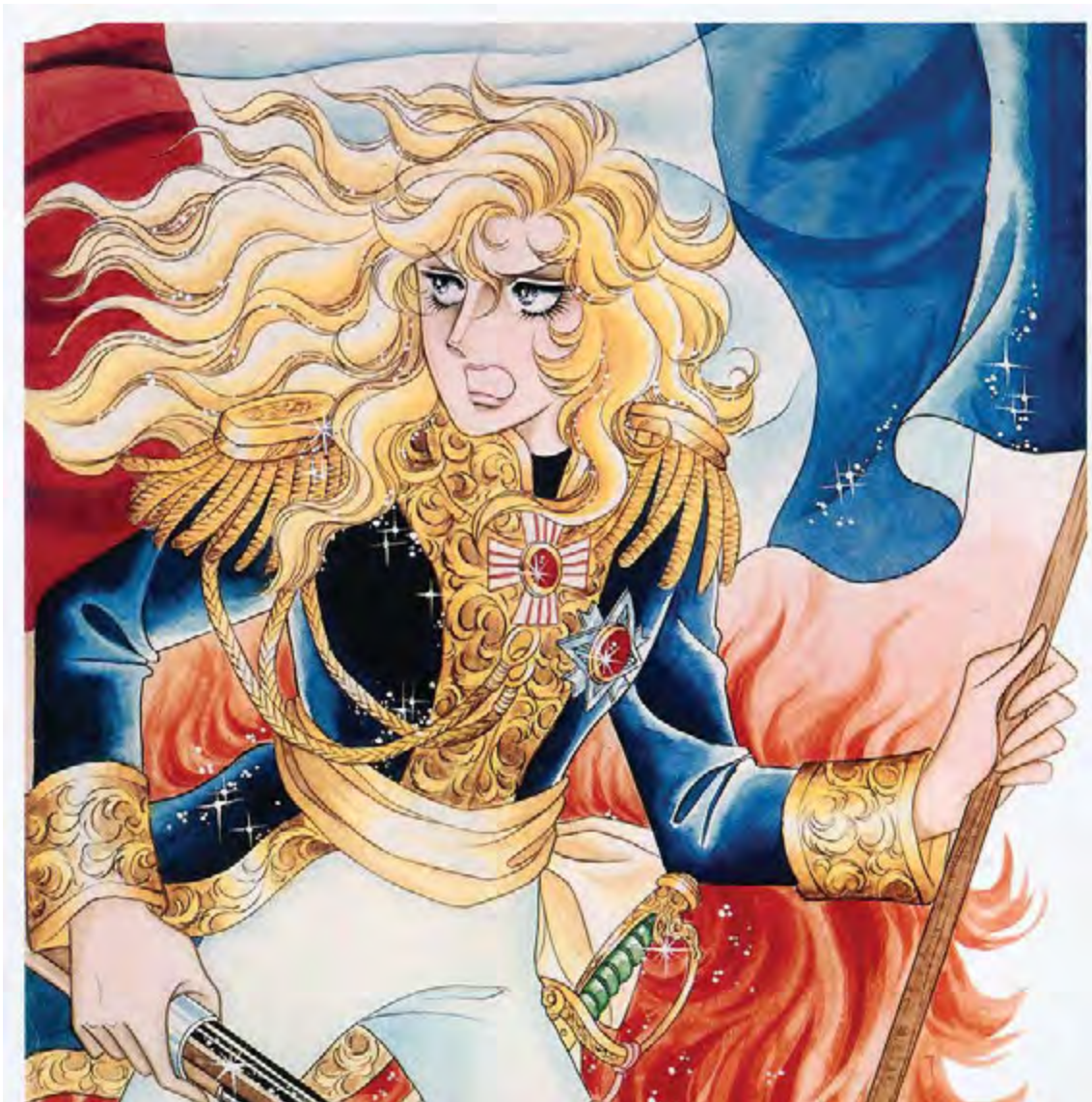


Figura 8: Oscar participa da Revolução Francesa e é desenhada por Ikeda incorporando os símbolos desse movimento, como a bandeira tricolor. Riyoko Ikeda, *A Rosa de Versalhes*, vol. 2.

Ilustração avulsa especial sem número de página.

3.3. Festa da fertilidade

A festa da fertilidade faz parte das comemorações religiosas japonesas, Mori (1992) estima-se que mais de 90% da população japonesa seja budista e (grifo meu) xintoísta, numa numa sincretismo entre ambas. Mas esse número baseia-se em pessoas que por quaisquer razão se ligam a algum templo, não indicando contudo que realmente pratiquem a religião, sendo que somente 30% da população se identifica como pertencente de alguma religião. Mori (1992) nos relata que o xintoísmo incorpora práticas espirituais derivadas de diversas tradições pré-históricas japonesas, já o budismo gradualmente se adaptou.

Uma de suas práticas está em honrar e celebrar a existência de *Kami*⁵, e é associado com múltiplos formatos compreendidos pelos fieis; em alguns casos apresentam uma forma humana, em outros animística, e em outros é associado com forças mais abstratas, "naturais", como montanhas, vento, etc. A religião xintoísta comemora um grande número de festas, com uma grande variedade de costumes e de motivos para celebrar. Incluindo-se aí, a festa da fertilidade. O budismo se adaptou a essas práticas para atender aos nihonjin. Conforme matéria da revista *Made in Japan* (03.04.2006), o festival Kamanara⁶, é famoso por levar totens xintoístas em forma de pênis às ruas. A revista nos informa, que o festival originou-se na era Edo (1604-1868), com prostitutas que pediam prosperidade e proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis. A festa se popularizou, e a população de maneira geral passou a pedir por casamento bem sucedido e filhos saudáveis. O

⁵ Kami: que pode ser definido como "espírito", "essência" ou "divindades".

⁶ Kamanara matsuri: festival da fertilidade.

festival conta com artefatos, totens xintoístas e vários artefatos em forma de genitália de ambos os sexos.



Fonte: Revista Made in Japan, edição: 04/2006.



Fonte: Revista Made in Japan, edição: 04/2006.

3.4. A arte de ser gueixa



Fonte: www.culturajaponesa.com.br

Sato (2006), nos alerta haver confusões quanto a natureza da profissão de gueixa, sendo recorrente ser representada como prostitutas caras. Sendo que

gueixas são musicistas, bailarinas, ou seja, artistas, que recitam poemas, entretem seus clientes de maneira geral. A gueixa pode até fazer “jogos de sedução”, ser insinuante, mas não chegam a consumir o ato sexual. É típico da sociedade japonesa, os homens serem seduzidos por essa idéia de que não poderam consumir o ato, que é algo proibido. Stearns nos remete ao funcionamento das casas de gueixas:

A bem da verdade, as casas de gueixas envolviam uma variada gama de entretenimento, com fortes conotações sexuais, mas não necessariamente contato sexual efetivo. A tradição das gueixas de fato envolvia pressuposições positivas sobre a validade do prazer sexual masculino e uma apreciação da sexualidade feminina que iam inegavelmente na contramão das idéias vitorianas contemporâneas. (2010, p.205)

Muitas vezes confundi-se gueixas com as Oiran⁷. As gueixas e as oiran usam um visual parecido, mas as gueixas usam o obi⁸ nas costas e as oiran na frente. Sato (2006) afirma que durante a ocupação, muitas prostitutas venderam-se aos soldados americanos como gueixas, que levaram tal imagem das gueixas para os Estados Unidos.

⁷ Oiran: Tradicionais cortesãs da classe alta.

⁸ Obi: Faixas usadas em torno da cintura.

4. Dekassegui- a rota contrária

No último século muitos imigrantes japoneses vieram ao Brasil, fugindo da guerra e buscando melhores condições de vida. Seus descendentes brasileiros fazem agora o caminho inverso como nos revela Sasaki (1998) e Oliveira (1997).



Estrangeiros no Japão por nacionalidade em 2000. Fonte: Wikipédia: enciclopédia digital.

Há cada vez mais imigrantes brasileiros no Japão, o Ministério da Justiça do Japão estimou o número de estrangeiros em quase dois milhões, deste total em torno de trezentos e doze mil são brasileiros.



Fonte: Ministério Da Justiça do Japão

Já a população nipo-brasileira no Brasil é de quase 1,5 milhão de pessoas (dados da Fundação Japão em São Paulo), formando a maior colônia de descendentes de japoneses do mundo. Muitos desses brasileiros de origem japonesa

ou cônjuges têm imigrado ao Japão em busca de melhores condições de vida. Como nos descreve, Elisa Massae Sasaki Pinheiros que é mestre em Ciências Sociais pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Sua pesquisa concentra-se no movimento de kassegui e migrações internacionais, em texto editado para fundação Japão em São Paulo:

-Nas duas últimas décadas do século XX, o Brasil, até então visto como um país receptor de imigrantes, viu a sua população começar a se dirigir ao exterior. Não são os pobres que emigram, mas uma classe média tentando manter ou elevar o seu padrão de vida. Dentre os diversos destinos, o Japão é um dos que têm recebido um expressivo contingente de brasileiros para trabalhar em ocupações de baixa qualificação. As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros de origem japonesa para trabalhar temporariamente no Japão surgiram em meados da década de 80. Em geral, eles não tiveram grandes problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois tinham ancestralidade nipônica. Eram das primeiras gerações, chamadas de issei (primeira geração ou os próprios japoneses nascidos no Japão) e/ou nissei (segunda geração ou os filhos dos migrantes japoneses nascidos fora do Japão) e muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade (podendo ingressar no Japão como japoneses). (disponível em: www.fjisp.org.br).

Na atualidade nota-se certas mudanças no perfil desses trabalhadores, e uma complexidade maior no desenvolvimento desse movimento migratório. A mestra, Elisa Massae Sasaki Pinheiros, relata que:

-[...] gerações mais avançadas (segunda e terceira); proporção sexual relativamente equiparada; faixa etária mais jovem; pouco domínio – ou quase nenhum – da língua japonesa (dada a grande presença de brasileiros no Japão, diminui-se a necessidade dos novos migrantes de falar a língua local); mais solteiros e recém-casados (com filhos pequenos) entre os brasileiros

residentes no Japão; caráter mais familiar do que individual; estadia mais prolongadas dos brasileiros no Japão. Destaca-se ainda a presença dos 'não-nikkeis' entre os cônjuges que têm direitos estendidos, isto é, aqueles que mesmo não tendo a ancestralidade japonesa passam a ter os mesmos direitos que seus cônjuges de origem nipônica. No Japão, eles são igualmente classificados como 'nikkeijin' – sempre na rubrica de 'estrangeiros'. (disponível em: www.fjisp.org.br)

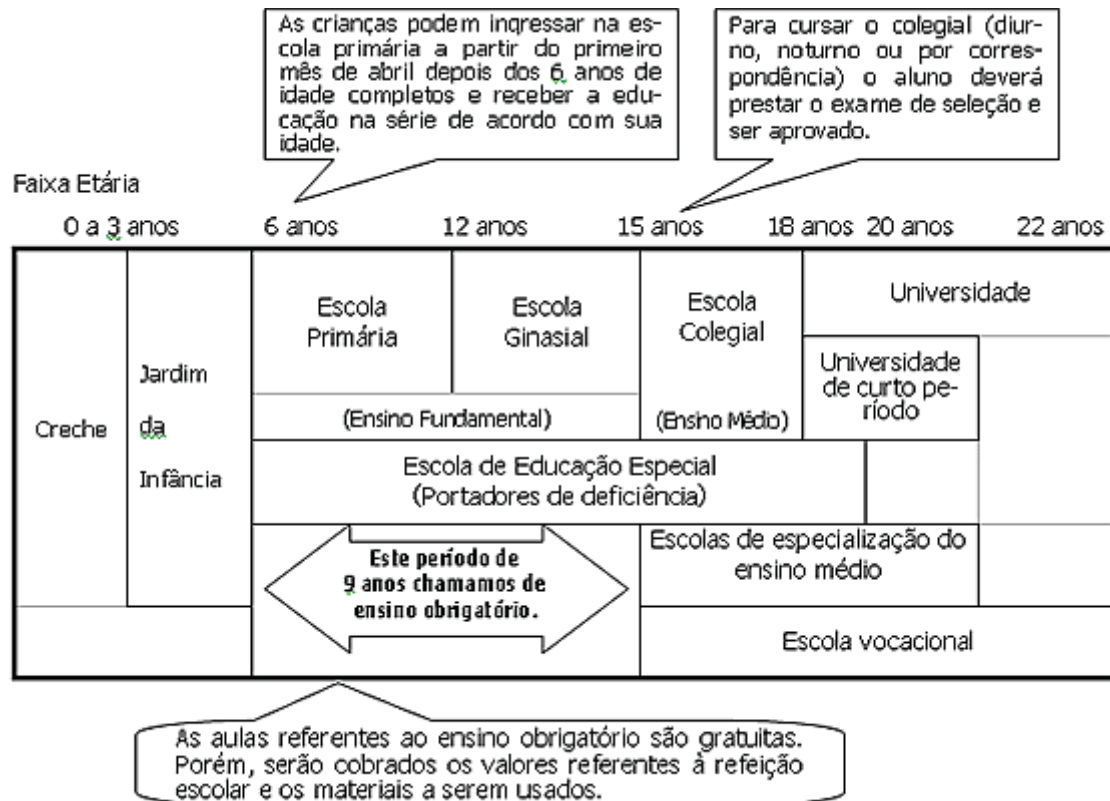
4.1. Sistema Educacional Japonês

Muitos brasileiros casam-se, tem filhos no Japão ou ainda matriculam seus filhos brasileiros em idade escolar em escolas japonesas, o que acaba sendo muito complexo, pois, na maioria das vezes a escola japonesa não irá se adequar ao aluno estrangeiro espera-se que ocorra o contrário. Portanto, será abordado, o sistema educativo japonês, de que forma ele atende ao estrangeiro. As informações a seguir, foram retiradas de sites oficiais do governo japonês.

Guia do Sistema Educacional do Japão

Secretaria de Educação da Província de Mie.

I- Sistema Educacional das Escolas



Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

CONTEÚDO EDUCACIONAL

a) CURRÍCULO

O conteúdo do currículo lecionado nas escolas é pré-determinado e editado pelo Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia.

b) LIVROS DIDÁTICOS

Os livros didáticos utilizados nas escolas primárias, ginasiais e nas escolas de educação especial são fornecidos gratuitamente pelo Governo Federal.

Já nas escolas colegiais e escolas colegiais de educação especial, devem ser comprados.

c) AUXÍLIO FINANCEIRO

A família que tem dificuldade financeira para pagar a despesa escolar do ensino obrigatório, pode receber o auxílio financeiro. Como há restrições e condições para se receber o benefício, consulte, se estuda em escola primária ou ginasial, a Secretaria de Educação Municipal ou a Secretaria de Educação da Província se estuda em escola provincial.

II – PROCEDIMENTOS PARA A MATRÍCULA

MATRÍCULA OU TRANSFERÊNCIA PARA ESCOLA PRIMÁRIA OU GINASIAL

MATRÍCULA OU TRANSFERÊNCIA PARA ESCOLA PRIMÁRIA OU GINASIAL

b) PROCEDIMENTOS NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS E GINASIAIS

Para que a vida escolar da criança seja a mais agradável possível, serão discutidos sobre os seguintes assuntos:

- ① Verificação de como se pronuncia e escreve o nome da criança e, da data de nascimento.
- ② Formação familiar (nome de todos os membros da família).

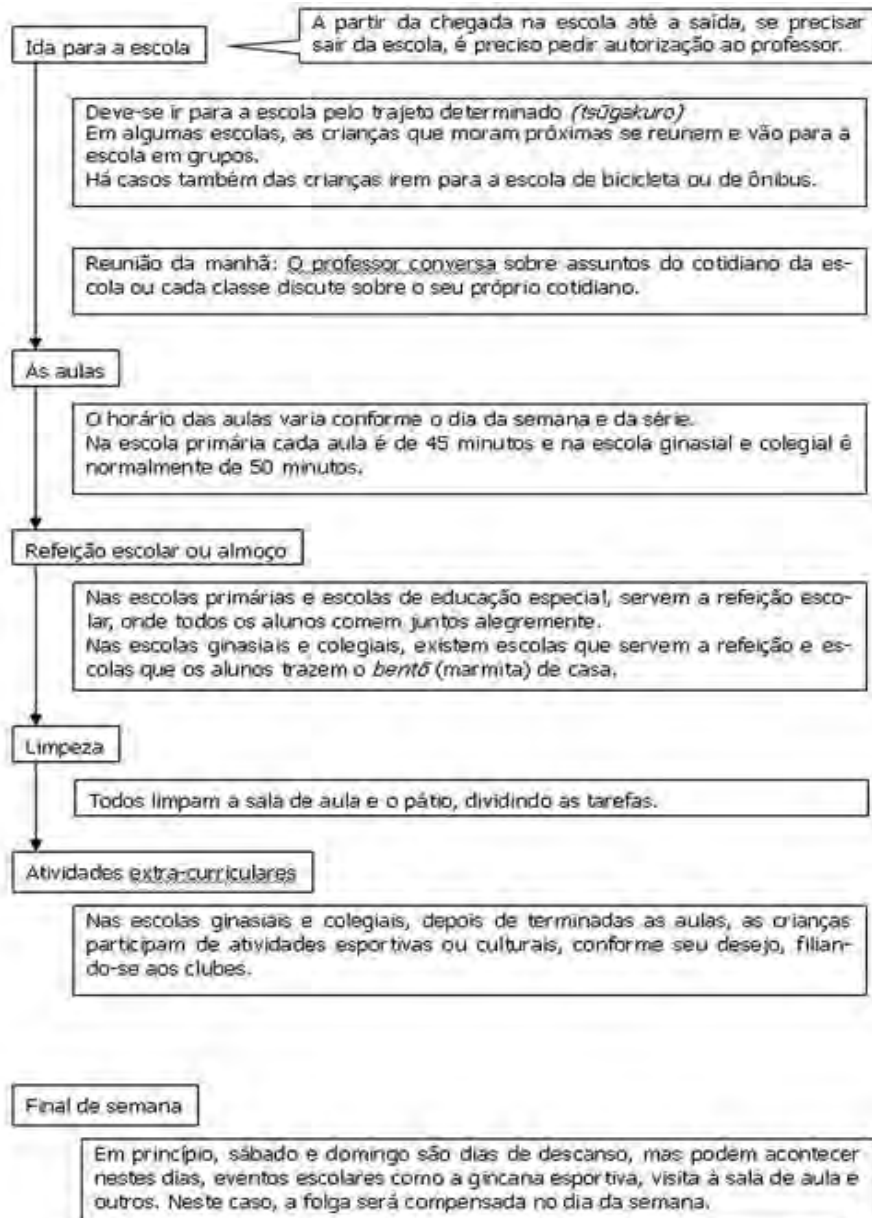
- ③ Endereço atual.
- ④ Meio de comunicação (em caso de emergência, local de trabalho, intérprete etc.)
- ⑤ Educação recebida antes do ingresso (incluindo antes e depois da vinda ao Japão), situação dos estudos etc.
- ⑥ Previsão do período de estadia dos responsáveis.
- ⑦ Capacidade no idioma japonês (do aluno e da família)
- ⑧ Caráter do aluno e os desejos do futuro.
- ⑨ Condição de saúde (doença crônica, visão, audição, alergia a alimentos, etc.)
- ⑩ A maneira da criança e dos responsáveis pensarem sobre a educação.
- ⑪ O que deseja da escola e/ou cuidados que a escola deve tomar.

Todos precisarão prestar o exame de seleção para ingressar no Colegial

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

II – COTIDIANO DA ESCOLA

1 UM DIA ESCOLAR



Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

As escolas do Japão iniciam o ano letivo em abril e terminam em março do próximo ano. A maioria das escolas utiliza o sistema de três períodos e as demais, de

dois períodos. São muito formais, com muitas cerimônias, incluindo de abertura e recepção aos alunos do primeiro ano. Um diferencial, ao sistema brasileiro são as visitas, tanto a do docente a casa de alunos e os responsáveis que observam a aula numa data pré-determinada. Os alunos realizam soji⁹, nas salas, pátio, banheiros, etc. Os campeonatos esportivos são levados a sério. Devido ao fato do país estar mais suscetível a catástrofes naturais, é feito treinamento de evacuação, também de prevenção para incêndio e acidentes.

Na escola são feitos exames de saúde e avaliação física, para acompanhar o desenvolvimento biológico. No que tange a artes, os alunos contam com seleta opção, tendo a disposição, música, teatro, concertos. De maneira geral, o sistema não é tão adverso ao sistema de ensino brasileiro, daí a opção por descrever principalmente os diferenciais. No ginásio, na segunda série, os alunos fazem estágios em comércio, empresas, etc.

Quanto, as regras, são muitas, com relação à vestimenta, em algumas escolas primárias o vestuário é livre, outras exigem uniforme, que é exigido nas demais séries. É proibido o uso de objetos desnecessários a aula, e acessórios, como, bijuterias, esmaltes, etc. Também não se pode consumir doces ou alimentos, que não o servido na escola.

Nas secretarias de educação provinciais existe atendimento em português, bem como em algumas prefeituras. No Japão, tudo é muito padronizado, o mesmo acontece com os materiais escolares, uniformes, etc. Portanto é exigido que o material seja o especificado, para tanto existe inclusive imagens dos mesmos no site governamental japonês

⁹

Soji: limpeza.

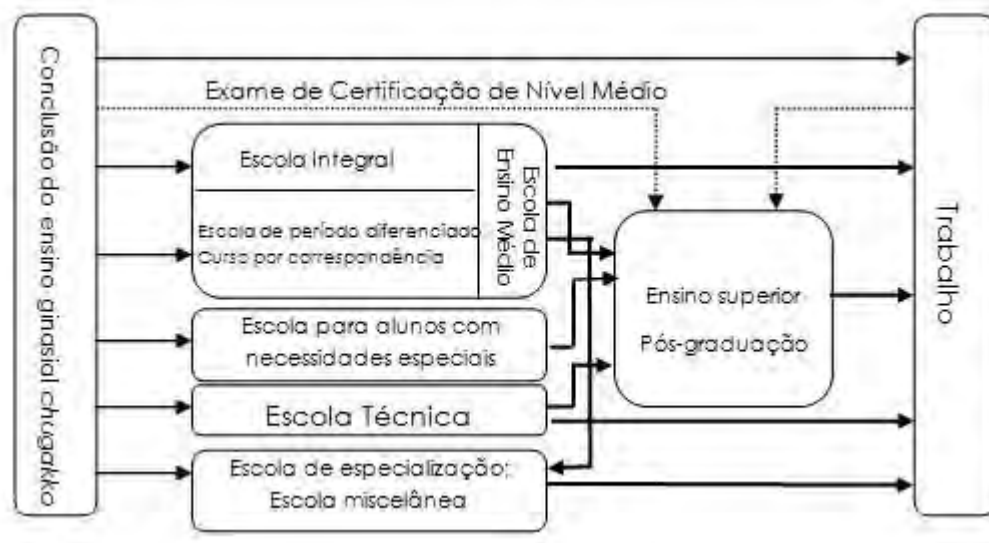
A provincial de Mie possui uma biblioteca com um acervo de aproximadamente 23 mil livros em língua estrangeira, em sua maior parte em inglês, seguidos de títulos em espanhol e português respectivamente inclusive infantis. Além de livros, a biblioteca dispõe ainda de oito tipos de jornais e quarenta e cinco tipos de revistas em língua estrangeira como, por exemplo, a revista “Veja”. A biblioteca possui site disponível em diversos idiomas, incluindo o português.

O esquema a seguir mostra sucintamente o sistema educacional japonês, o índice de ingresso ao ensino médio entre os japoneses e de mais de 95%.

Curso Primário (6 anos)			} Ensino obrigatório
Curso Ginásial (3 anos)			
Ensino Médio (3 a 4 anos)			Escola técnica profissionalizante
Universidade (4 anos)	Universidade (2 a 3 anos)	Escola superior técnica (2 anos)	
Pós-graduação (2 a 4 anos)			

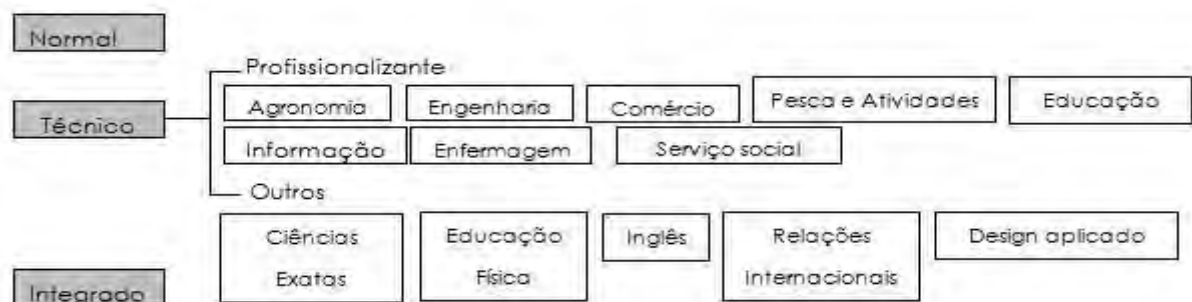
Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Ao concluir o ensino ginásial (chuugakkou), aluno tem algumas opções, conforme o esquema abaixo:



Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

No Japão, o aluno pode optar por uma dessas três formas de estudo: de período integral, período diferenciado e por correspondência. As formas são divididas em outros três gêneros: escola normal, escola técnica e escola integrada. Algumas escolas que não separam as turmas em séries, sendo que a conceituação dos alunos é organizada por meio de acúmulo de créditos. Com relação às matérias, são selecionadas conforme a opção do aluno, conforme segue:



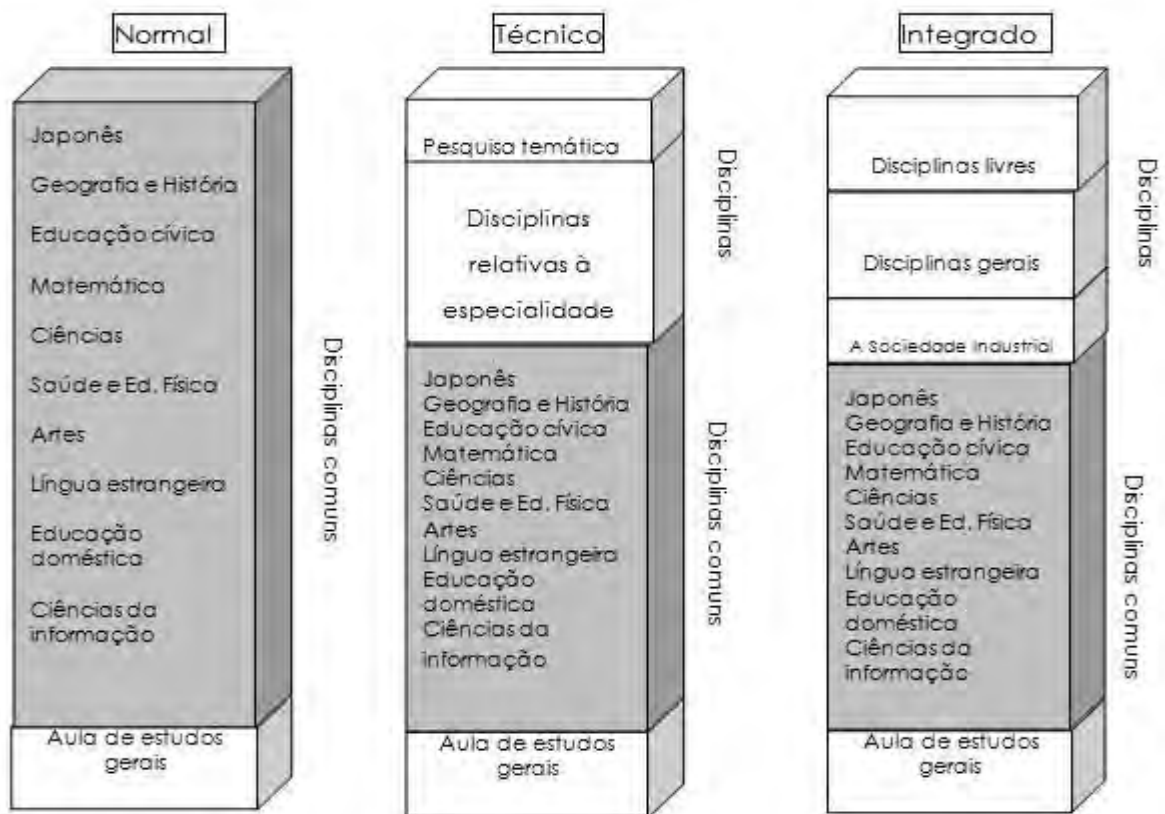
Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Escolas normais ou <i>futsuuka</i>	A particularidade das escolas normais está no fato de seu ensino estar centrado no estudo de disciplinas comuns que são: japonês, geografia e história, educação cívica, matemática, ciências, saúde e educação física, artes, língua estrangeira, educação doméstica, informação, e outras. O aluno adquire ampla instrução com base no aprendizado feito no nível ginásial.
Agronomia	Visa formar administradores, técnicos e outros profissionais da área agrônoma através do aprendizado e aquisição de conhecimentos e técnicas especializadas.
Engenharia	Visa formar técnicos aptos a atuarem no campo da engenharia através do estudo e aquisição de conhecimentos e técnicas especializadas, tais como Sistema FA, Sistema CAD/CAM, informática, etc.
Comércio	Aprendizado e aquisição de conhecimentos e técnicas específicas para empreendimentos financeiros através do estudo de áreas especializadas como informação, serviços, finanças, etc. Há também assistência a alunos que pretendem ingressar na universidade.
Pesca e atividades marinhas	Visa formar profissionais da área marinha como trabalhadores de navios pesqueiros, técnicos marinhos e outros profissionais dessa área, através da aquisição de conhecimentos e aprendizado de técnicas especializadas da área de pesca, cultivo marinho, indústria marinha, instituições pesqueiras, etc.
Atividades Domésticas	Aprendizado de conhecimentos básicos relativos aos trabalhos domésticos e de técnicas especializadas sobre alimentação, costura, cuidados infantis, bem-estar social, entre outras especialidades.
Enfermagem	Visa formar profissionais de enfermagem aptos a atuarem em hospitais e outras instituições médicas através do aprendizado de conhecimentos e técnicas especializadas da área de enfermagem.
Informação	Aquisição de técnicas e conhecimentos necessários na aplicação prática e criativa em recursos de criação, conservação e manutenção de sistemas de rede e multimídia a fim de formar profissionais aptos a atuarem na sustentação da sociedade informatizada.
Serviço social	Visa formar profissionais para atuarem na área de bem-estar social através do aprendizado de conhecimentos e técnicas especializadas do ramo como técnicas básicas de cuidados com idosos, estudo dos sistemas de assistência social, etc.
Ciências exatas	Visa aprimorar a capacidade de investigação científica através do estudo aprofundado de disciplinas relativas às ciências e à matemática.
Educação física	Visa aprofundar conhecimentos técnicos de alunos com interesse especial para atividades físicas e esportes, aprimorando sua capacidade física e condicionamento necessários para o desenvolvimento esportivo por meio do aprendizado de técnicas para aquisição de habilidades físicas avançadas.
Inglês	Visa aprimorar a capacidade de audição e fala do idioma inglês por meio de estudos de disciplinas específicas como “Expressão em Inglês”, “Prática de Computer LL”, etc. Aprofunda também o entendimento relativo a diferenças culturais.
Relações internacionais	Visa aperfeiçoar o idioma inglês por meio de aulas com dispositivos LL, professores nativos de inglês (ALT), intercâmbio com estudantes estrangeiros, entre outras atividades, a fim de preparar para o ingresso em universidades.
Design aplicado	Aprendizado de design criativo básico e de informática básica. Aprendizado especializado de design e computação gráfica.
Escolas integradas	O aprendizado é feito conforme as preferências e interesses do próprio aluno. Diferentemente das escolas normais e técnicas tradicionais, não existe uma diretriz definida a ser seguida. Tanto os alunos que visam o ingresso no ensino superior como os alunos que visam o ingresso direto no mercado de trabalho,

estudam escolhendo as disciplinas que mais lhes interessam ou que mais se encaixem com suas aptidões. Mesmo os alunos que ainda não decidiram o que fazer depois, podem refletir sobre isso através do aprendizado de diversas disciplinas oferecidas pela escola.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

As disciplinas são ministradas conforme segue:



Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Ao concluir o ensino fundamental II, os alunos fazem um exame para atestar que estejam aptos a prosseguir no ensino médio.

4.2. Programas de inserção do dekasegui

As informações a seguir têm como fonte: <http://mie.portalmie.com/> (Site oficial do governo da província de Mie).

Promoção da Sociedade de Convívio com Estrangeiros Residentes

O número de estrangeiros registrados em Mie no final de 2003, alcançava aproximadamente 40.000, representando mais de 2% da população total. Significa que a cada 50 pessoas, um é estrangeiro. Acompanhando o aumento de estrangeiros, existem locais onde estão surgindo problemas em várias situações como trabalho, saúde e educação, devido à diferença na língua, cultura, costumes etc. Por esse motivo, em Mie, trabalha-se visando a realização de uma sociedade local onde japoneses e estrangeiros possam compreender mutuamente suas culturas e formas de pensar, juntamente com o respeito mútuo e onde se possa viver prazerosa e tranquilamente, ou seja, uma sociedade de convívio multicultural. Para isso, desde 2004, almejando uma sociedade de convívio multicultural, o “Programa de Promoção Urgente de uma Sociedade de Convívio Multicultural” foi colocado como um dos projetos prioritários e está sendo promovido através da interligação e cooperação entre os moradores locais, organizações sem fins lucrativos, empresas e prefeituras, visando solucionar os problemas urgentes que os estrangeiros residentes enfrentam. Inclusive, estão interligados e empenhados nestas questões, as 3 províncias e 1 cidade, Províncias de Mie, Aichi e Gifu e Cidade de Nagoya, onde os Governadores e Prefeito assinaram a “Declaração de Ação Conjunta para a Promoção da Sociedade de Convívio Multicultural”.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Suporte às Atividades de Intercâmbio Internacional Diversificados Dirigidos pelos Cidadãos

A Província de Mie realizou tratados de amizade e irmandade entre o Estado de São Paulo no Brasil em 1973,

Província de Henan na China em 1986, Estado de Valência na Espanha em 1992 e com a República de Palau em 1996. Estamos promovendo uma ampla gama de atividades de intercâmbios internacionais. Continuaremos apoiando várias atividades através de grupos civis e voluntários para criar um ambiente no qual cada cidadão possa se sentir encorajado a implementar programas para promover o intercâmbio internacional através de várias oportunidades como também ativar intercâmbios e cooperações internacionais de nível regional.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Promoção da Ajuda Internacional Valorizando os Variados Recursos Naturais

Em Mie, estamos empenhados na construção de um ambiente onde grupos como organizações não-governamentais, organizações sem fins lucrativos, empresas ou mesmo pessoas individualmente, possam aprofundar sua compreensão e interesse com relação à ajuda internacional e, com isso, promover em conjunto atividades de ajuda internacional através da formação de redes de trabalho mútuo. Na prática, estamos incentivando o aprendizado nas escolas primárias, ginásiais e colegiais sobre a ajuda internacional, realizando seminários para universitários e adultos, eventos para apresentar este tema, oferecendo oportunidades para a terceira idade aproveitar seus conhecimentos e técnicas para esta ajuda, promovendo o

desenvolvimento técnico de estrangeiros junto a empresas privadas etc. Além disso, iremos nos dedicar intensamente às atividades de ajuda internacional em cooperação com entidades relacionadas como o Centro de Promoção da Tecnologia Científica da Província de Mie, que desenvolve atividades de alta tecnologia no campo ambiental, agrícola, madeireira e pesqueira, o Centro Internacional para Transferência de Tecnologia Ambiental (ICETT), além do Governo Federal, Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA), o Conselho de Autoridades Locais para Relações Internacionais, etc.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Fundação de Intercâmbio

Internacional de Mie (MIEF)

Fundada em maio de 1991 com a cooperação da Província, municipalidades e empresas, para servir como uma organização central para intercâmbios internacionais em Mie, com o objetivo de incentivar atividades de intercâmbio e cooperação internacional de maneira ampla, valorizando a bela natureza e a característica calorosa do povo da Província de Mie.

Neste século 21 onde se avança o mundo sem fronteiras, em Mie também se nota uma intensa movimentação de pessoas em nível internacional, cada vez mais se visualiza a realidade de ter um estrangeiro, morando como vizinho e se busca conviver numa sociedade regional onde as pessoas aceitam mutuamente as diferentes culturas. [SIC]

Inclusive, a parcela de atuação de voluntários, ONG's e NPO's na sociedade local tem aumentado. Com isso, compreendendo com precisão as necessidades dos

cidadãos e melhorando as funções de Centro de Suporte ao Estrangeiro Residente, coordenação de ONG's e NPO's, coleta e transmissão de informações, desenvolveremos intensivamente projetos visando cada vez mais a internacionalização, estimulando a evolução do intercâmbio internacional, o convívio multicultural, assim como a cooperação internacional.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

O governo disponibiliza um benefício, chamado Kodomo teate (benefício auxílio-criança), no valor de ¥13.000 (treze mil ienes, moeda japonesa) mensais por filho, pago em três vezes durante o ano, para crianças em idade escolar, recebem o benefício até o fim do ensino fundamental. Toda parte burocrática pode ser tratada nas prefeituras, sendo que a maioria delas dispõe de intérpretes. Os órgãos governamentais reforçam ainda, através de informes, on-line e via correio, sobre a importância, de manter os filhos em idade escolar matriculados numa instituição de ensino. Para as crianças estrangeiras, que pretendam estudar em escolas japonesas, são oferecidos cursos de japonês, e escolas em lugares com número expressivo de brasileiros tem funcionários bilíngües.

Após a crise financeira mundial de 2009, que no Japão, afetou principalmente os nipo-descendentes, as prefeituras criaram programas e parcerias no intuito de atender essa população. Uma dessas parcerias se deu com a instituição Apoio Mie, na qual lecionei enquanto residi no país. A transmissora de televisão local, chamada IPCTV, afiliada da rede Globo no Japão, noticiou a referida parceria. Conforme segue:

Alfabetização gratuita em Mie

quarta-feira, 14 de julho de 2010

Aluno de escola japonesa aprende português em Tsu

De segunda a sexta-feira, alunos de escolas japonesas vão para o Colégio Apoio em Tsu (Mie) para aprender português. O processo vai desde a alfabetização até a interpretação de textos, passando por atividades que visam ensinar também a cultura brasileira.

Mas para quem mora longe, e não pode se locomover todos os dias até o colégio, a escola, em parceria com Universidade de Mie, oferece aulas de alfabetização e de geografia do Brasil de graça. As aulas acontecem todos os sábados, e o número de vagas é limitado.

Para mais informações, entre em contato com a escola através do telefone: 059-235-4677

Fonte: jptv.blog.ipcdigital.com/wp-content/uploads/2...

4.3. Brasilidade: À volta para casa

Com a referida crise, o governo japonês incentivou o retorno dos dekassegui ao Brasil, muitos dekassegui almejavam a volta para casa, mas acabavam adiando, principalmente por razões financeiras, o incentivo governamental japonês, incluía um valor em dinheiro aos dekassegui que aceitassem voltar ao Brasil, desde que,

assumissem um compromisso, em não retornar ao Japão, até que o governo considerasse cabível. Uma quantidade significativa de dekassegui retornou. Na área educativa o Projeto Kaeru (Retorno), elucida uma situação de incentivo no retorno. Conforme segue nas informações disponíveis em site oficial governamental:

Projeto Kaeru – Atendimento Educacional a Crianças

SERVIÇO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ÀS CRIANÇAS / JOVENS QUE RETORNAM DO JAPÃO

Agora, a Secretaria de Estado da Educação – SEESP, em parceria com o Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural – ISEC, oferece atendimento educacional às crianças e jovens que retornam do Japão e que freqüentam a rede estadual de ensino.

O “Projeto Kaeru” visa auxiliar as crianças / jovens que retornam do Japão, a fim de superar as dificuldades de aprendizagem da língua portuguesa, de adaptação ao ambiente escolar e à cultura brasileira, bem como orientar as famílias no âmbito educacional. [SIC]

O atendimento é oferecido às crianças que retornam ou aquelas que foram deixadas por seus pais no Brasil, que estudam no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Serão atendidos, também, parentes, tutores educadores da Rede Estadual de Ensino. O serviço educacional se estende às famílias das crianças que retornam do Japão. [SIC]

Entre as atividades do Projeto estão previstas: visita às escolas, atendimento especializado, reunião de estudos, fórum e seminários. A previsão do Projeto é

de 2 anos, de 11 de junho de 2008 a 11 de junho de 2010, havendo possibilidade de prorrogação. [SIC]

Dese modo, quem pretende retornar ao Brasil e tem a Educação como uma de suas preocupações, poderá obter mais informações junto aos Cordenadores do Projeto nos endereços abaixo indicados:

Secretaria de Estado da Educação de São Paulo – SEESP

Hiroyuki Hino; Tel. (11) 3218-2000 (11) 3218-2000, r. 2952; e-mail: hiroyuki.hino@edunet.sp.gov.br

End. Praça da República, 53, Centro – São Paulo/SP, Brasil. CEP 01045-903.

Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural – ISEC

Kyoko Nakagawa; Tel (11) 3208-1755 (11) 3208-1755 ; e-mail: isec@hotmail.com ou kyoko@uol.com.br.

End. Rua São Joaquim, 381, Liberdade, São Paulo / SP, Brasil.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

“Brasilidade”, essa é a expressão, conforme Oliveira (1997) e Sasaki (1998), que transforma em palavras, o desejo do dekassegui, em “retornar a casa”, a isso se deve o fato de valorarem tanto, tudo o que remeta ao Brasil, passa a haver uma idealização desse retorno.

5. O desenvolvimento da pesquisa

Considerando que a proposta era entender o sistema educacional japonês, inclusive no que tange a educação sexual, como se articula com órgãos e/ou entidades brasileiras e de que maneira isso corrobora ou influencia na construção de identidade do nipo-brasileiro, que passa pelo fenômeno de *dekassegui*. A pesquisa foi iniciada ao longo de minha docência e residência no Japão, mais especificamente em Mie-Ken, Tsu-Shi, que ocorreu no período que compreende fevereiro a dezembro de 2008. e seguiu durante minha graduação na Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro.

Analisando a o desenvolvimento da sexualidade no oriente, verificamos que embora, por princípio, tal sexualidade se desse, de modo a focar “o prazer pelo prazer”, o contato com o ocidente, além de provocar uma “crise identitária”, acabou fazendo com que seu padrão fosse “acatado”, bem como em muitos outros países, em nome de uma política de boas vizinhanças.

Os estudos nos mostraram ainda que, se os próprios japoneses passam por contradições e paradoxos na constituição de sua identidade, justamente pelo contato com o ocidente pela cobrança de valores e padrões que não eram seus, imaginem o quanto isso é potencializado na vida dos nipo-brasileiros, que recebem muitos estereótipos, ora os colocando como japoneses, ora como brasileiros, ora como “não-japoneses” e “não-brasileiros”.

Através das considerações acerca do mangá, foi possível observar a citada contradição na atual cultura japonesa que mistura uma sensualidade importada a seus hábitos, nos mangás, as personagens não têm as características fenotípicas japonesas.

Quanto ao sistema educativo, principalmente no tocante a educação sexual, verificou-se uma postura até mais conservadora do que no Brasil, onde conforme o relato dos alunos, além de não haver um currículo ou lei que a implemente, assuntos chave da educação sexual, como homossexualidade, ou machismo (visto que o país dá ênfase no masculino), sequer são mensurados, e uma postura um tanto quanto técnica e fechada, não dá abertura ao diálogo. E mesmo as questões biológicas que abordam a reprodução ou transformações do corpo são tratadas tardiamente, e de maneira a não abrir ao diálogo, visto que as aulas separam por gênero, não se adequaram a necessidade da atualidade onde as crianças entram na adolescência cada vez mais cedo, psíquica e biologicamente. Portanto, começar a passar informações sobre as transformações do corpo aos doze anos, é tardio, visto que muitos adolescentes têm na prática, tais transformações antes dessa faixa etária.

5.1. Abordagem metodológica

A abordagem metodológica usada foi qualitativa de caráter exploratório, por meio de levantamento e revisão bibliográfica, procurando mapear abordagens teórico-metodológicas do ensino, de educação, incluindo sexual, particularmente para brasileiros no Japão. Essas análises se deram em livros, que permitiram entender o desenvolvimento de sua sexualidade, entrelaçada a suas culturas e hábitos.

Junto a órgãos oficiais do governo japonês, foi possível verificar como se dá a educação no Japão, inclusive no tocante a políticas voltadas aos estrangeiros, serviços de intérpretes, disponibilização de informações em vários idiomas, inclusive

no português, visto serem os nipo-brasileiros o foco da pesquisa.

Os relatos de experiência, incluindo da pesquisadora, nos propiciou uma visão mais pragmática da educação, nas salas de aula japonesas, permitindo aferir que bem como na maioria dos países, é necessária a implementação de uma educação sexual que contemple as necessidades das sociedades atuais, permitindo um maior diálogo entre alunos e professores, alunos com alunos e entre colegas de trabalho. Já que a sexualidade permeia a vida de toda sociedade.

5.2. Espaço da pesquisa

As informações a seguir estão disponíveis no site oficial do governo da província de Mie. (<http://mie.portalmie.com/>)

História e cultura de Mie

Mie começou a ser habitada há mais de 10.000 anos atrás, no período Pré-cerâmica. Nos períodos subsequentes, Joōmon e Yayoi, foram formadas comunidades agrícolas em bacias de rios e áreas litorâneas. Depois do período Kofun, no final do século VII, junto com a evolução do sistema político antigo, para que a princesa Saioō pudesse servir ao Santuário de Ise, foi construída uma monumental sucursal do governo e o Saikuō, uma residência imperial, onde hoje é a cidade de Meiwa.

No período Edo (1600 a 1865), Mie foi dividida em vários clãs para os quais foram designados senhores feudais. Foram construídas redes viárias como as estradas de Toōkai e Ise, prosperaram cidades portuárias, cidades de hospedagem, cidades que

se desenvolveram em torno de castelos como O⁻ minato, Kuwana e Ano⁻ tsu. Surgiram indústrias como a do algodão da cidade de Matsusaka e de “Katagami” (tela de papel para estampa em tecido), assim como estudiosos e cientistas, prosperando a ciência e a cultura. Entre os cidadãos comuns, predominou nessa geração a peregrinação ao Santuário de Ise. De Mie surgiram vários personagens históricos como Basho⁻ Matsuo, escritor de vários ensaios de viagens e poemas de Haiku famosos; Takatoshi Mitsui, fundador da empresa que formou o Grupo Mitsui; Zuiken Kawamura, grande empresário do início do período Edo; Norinaga Motoori, estudioso da literatura clássica japonesa; Takeshiro Matsuura, explorador que nomeou a província de Hokkaido; Ko⁻dayu Daikokuya, que chegou à Rússia depois de naufragar; Ozaki Yukio, considerado o Deus do Governo Constitucional; Koichi Mikimoto, que obteve sucesso em cultivar pérolas; Ranpo Edogawa, mestre escritor de suspenses; entre outros.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

Localização da Província de Mie

Mie fica situada quase no centro das Ilhas Japonesas. Está voltada para o Oceano Pacífico, sendo sua economia e cultura influenciadas pelas regiões de Chu⁻bu (centrada em Nagoya) e pela região de Kinki (centrada em Osaka).

De trem, a capital Tsu fica a aproximadamente 50 minutos de Nagoya, 2 horas e meia de To⁻kyo⁻, 1 hora e meia de O⁻saka e Nara, e 2 horas de Kyo⁻ to. Como portões de entrada via aérea para Mie,

além do aeroporto de Kansai, existe agora o aeroporto de Chuūbu, inaugurado em 2005.

Fonte: <http://mie.portalmie.com/>

É na descrita cidade, Tsu, na província de Mie, em meu primeiro contato com a docência, na escola Apoio Mie, que houve o despertar de angústias, que viraram indagações, de incertezas, que se tornaram objetos de pesquisa. A cada interrogação por parte dos alunos, a cada informação trazida por eles.

6. Considerações Finais

Um grande questionamento que permeou o estudo, diz respeito a educação sexual e a sexualidade. O que se observa, é que a sexualidade está presente em basicamente todos os aspectos contemplados neste estudo, porque está presente em todas as esferas da vida, seja ela ocidental ou oriental. Entretanto a educação sexual engatinha na maioria das sociedades, especificamente no Japão, não existe um currículo especificamente voltado à educação sexual, a escola caminha timidamente dentro desta temática.

Foi observado que os jovens principalmente, não tinham suas indagações, com relação ao comportamento sexual, atendidas, em verdade elas sequer eram abordadas na escola. Considerando que essas transformações ocorram cada vez mais cedo, essas explanações deveriam ser antecipadas, posto que como já descrito, as informações biológicas são iniciadas aos 12 anos, no sétimo ano do ensino fundamental. Na turma de quarta série do ensino fundamental para qual lecionava, uma das garotas, menstruou aos nove anos de idade. Sem contar que temas como homossexualidade, machismo, dentre outros temas polêmicos e importantes não são abordados.

As análises documentais permitiram constatar, que como na maioria das sociedades, a globalização mudou de maneira drástica, assim como o comportamento sexual de todos. O Japão, após esse intercâmbio com o ocidente tem se mostrado desencontrado, no que cerne a questões culturais, sociais e sexuais.

Relembrando sua herança primitiva, do sexo pelo prazer, que acabou sendo abandonada em prol de se adequarem para estar “à altura das culturas ocidentais,

ditas superiores”. Isso reflete até hoje na educação, por que não a um currículo mínimo para educação sexual dentro da escola.

O que se espera é que haja maior diálogo, dentro do próprio currículo escolar a cerca da sexualidade, que reflita os anseios, desejos, inquietações, e que permita a construção e a desconstrução sempre que necessário, auxiliando na busca dos adolescentes para um desvelamento para a vida adulta com mais qualidade e entendimento da sua sexualidade. Na constituição subjetiva de seres singulares, não em “caixinhas”: “os japas”, “os bichas”, “a mulherzinha”, “o gaijin”, “o aleijado”, “o nerd”. Cada ser é único, o que o identifica, ou deveria identificar, é seu nome, é simplório, classificá-lo como “isto ou aquilo”, ele pode ser “isto”, “aquilo”, “isto e aquilo”, “isto e/ou aquilo”, “nem isto nem aquilo”, as possibilidades são infinitas, o que se deve estimular, é que o próprio sujeito se descubra e possa desvelar suas vontades, desejos, anseios, inquietações.

O ocidente não é melhor nem pior que o oriente, o Brasil não é melhor nem pior que o Japão, o João não é melhor nem pior que a Maria, são simplesmente diferentes, com todas as suas peculiaridades. O que se observa ao longo dos séculos, é a tentativa de dominação, de subjugar “o outro”, que é diferente de mim, como na canção de composição de Caetano Veloso:

[...] Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes
E foste um difícil começo
Afasto o que não conheço
E quem vende outro sonho feliz de cidade

Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso[...]

(*Sampa*. Composição: Caetano Veloso)

Seria muito pertinente que os currículos escolares, tanto no Brasil quanto no Japão, e todas as partes do mundo, enfatizassem de maneira mais profunda questões acerca sexualidade, e é claro, que os professores das mais variadas disciplinas tivessem não só a liberdade de lidar com tais questões, mas também o preparo para fazê-lo com segurança, sem valores cristão, budistas, evangélicos, nem guiados pela tv., jornal, revista, mas sim com uma formação sólida, sustentada em referencial teórico adequado e contextualizado a cada comunidade. Deixando de lado, preconceitos, rotulações, tabus, mitos, medos, vergonhas, relações de poder, exclusão, meninos versus meninas, ... afinal o que nos faz caminhar é a busca pelas diferenças...

7. Referências Bibliográficas

AUGÉ, M. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da super modernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Z. **Mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Ética pós-moderna. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. A Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EISLER, Riane. **O prazer sagrado:** sexo, mito e a política do corpo. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 7. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais:** a história da sexualidade humana. Tradução de Antonio Alberto de Toledo Serra e Edson Ferreira. São Paulo: Livraria Roca, 1983.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

IPCTV: Afiliada da rede globo no Japão. Disponível em: jptv.blog.ipcdigital.com/wp-content/uploads/2. Acesso em: 10/08/2010.

JUSTO, J. S. Criatividade no mundo contemporâneo. In: VASCONSELOS, M. S. **Criatividade:** psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001.

LEONI, Tâmara Cintra; BRANDÃO, Tatiana Ludmila. "Sailor moon": uma análise semiótica de manga. **Estudos Semióticos**, Número 2, São Paulo, 2006. Disponível em <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em 02/05/2009.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno Explicado às Crianças, Lisboa, Dom Quixote, 1987.

Ministério da Justiça do Japão. Registro de estrangeiros. Disponível em: (www.moj.go.jp). Acesso em: 28/08/2010.

MORI, Kôichi. “**Vida Religiosa dos Japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e Religiões de Origem Japonesa**”. In: Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil (ed.), Uma epopéia moderna: 80 anos da imigracao japonesa no Brasil. São Paulo, Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. *Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: a trajetória de uma identidade em um contexto migratório*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Campinas, UNICAMP, 1997.

SASAKI, Elisa. *O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento de kassegui*. Dissertação de Mestrado em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SATO, C. A. Gueixa, Musa de um mundo flutuante, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/>. Acesso em: 26/07/2010.

SILVA, V.F. Mangá feminino, Revolução Francesa e feminismo: Um olhar sobre a Rosa de Versalhes, No 5, ano 3, setembro/2007 – ISSN 1808-9895 – Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso em: 02/05/2009.

Sociedade Brasileira de Pesquisadores Nikkeis. Geografia Japão. Disponível em: http://www.portaljapao.org.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=26 . Acesso em: 10/07/2010.

STEARNS, P. N. HISTORIA DA SEXUALIDADE, Ed: Contexto, 2010.

8. Anexo

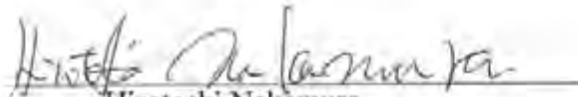


Japão, 07 de Maio de 2009

Declaração

Declaro para os devidos fins que Andrea Macedo Machado Larocca de Oliveira, RG 29357687-7, ministrou aulas do Ensino Fundamental I, no período de Fevereiro de 2007 a Janeiro de 2008 nesta Instituição de Ensino.

Sem mais


Hirotoshi Nakamura
Diretor Administrativo

Andréa Macedo Machado L. de Oliveira

Profa. Dra. Célia Regina Rossi